

PALAVRA  
FRATERNA

Iniciamos o mês vocacional que nos convida não somente a rezar pelas vocações, mas também a renovar o nosso compromisso de viver de acordo com a vocação que recebemos.

Pelo Batismo, todos nós fomos inseridos na vida de Cristo e da Igreja a fim de vivermos como filhos e filhas amados de Deus e identificados com Jesus Cristo. Por isso, o Batismo é fonte de todas as vocações.

Nós queremos, neste mês vocacional, rezar por todas as vocações, de modo especial para os fiéis leigos e leigas, a fim de que vivendo os valores do Evangelho na Igreja doméstica, que é a família, possam garantir o despertar de novas vocações também para a vida de especial consagração a Deus, na vida sacerdotal e religiosa.

Neste ano da vocação laical, os fiéis leigos e leigos são chamados a serem os operários da vinha do Senhor pelo compromisso batismal, inserindo-se nos diversos trabalhos de evangelização, conscientes de sua vocação como seguidores e seguidoras de Jesus, vivendo a verdadeira pertença à Igreja.

Peçamos a Deus por todos os agentes de pastoral e movimentos para que perseverem na missão evangelizadora, conscientes de sua corresponsabilidade com a missão da Igreja, pois nós somos a Igreja, a assembleia santa, o povo sacerdotal para vivermos como sal da terra e luz do mundo.

Oxalá, em nossas famílias cultivem-se os valores do Evangelho, sobretudo a oração, a vida fraterna, garantindo para os filhos a melhor herança que é o testemunho de fé e de amor a Deus. Assim, nossas famílias serão sempre terreno fértil de novas vocações à vida sacerdotal e religiosa.

Pela intercessão de Nossa Senhora da Piedade, que Deus abençoe os que responderam ao chamado ao sacerdócio e à vida religiosa e, de modo especial, os fiéis leigos e leigas, a fim de que inseridos na Igreja e na sociedade sejam agentes de transformação social, testemunhando a fé pelas obras de misericórdia, comprometidos com a promoção da vida e com a justiça social.

Pe. Danival Milagres Coelho -  
Pároco

## Culto e devoção a Nossa Senhora da Piedade

A veneração a Maria Santíssima, inspirada em sua grande dor aos pés da Cruz de seu Filho, é uma das mais apreciadas da piedade popular em nosso meio. A invocação ao título mariano de Nossa Senhora da Piedade remonta ao século XII. A devoção à “Mãe dolorosa” iniciou primeiramente com os cistercienses e, um século mais tarde, com os franciscanos, alcançando grande expansão nos séculos XIV e XV. Em 1482, o Papa Sixto IV, consciente da devoção crescente, mandou preparar-se uma Missa intitulada de “Nossa Senhora da Piedade” para ser introduzida no Missal e, em 1727, o Papa Bento XIII inscreveu no Calendário romano a festa das “Sete Dores da Bem-aventurada Virgem Maria” (In. Corrado Maggioni, *Maria na Igreja em Oração*).

No Brasil, o início dessa devoção certamente se deu nas cidades históricas do estado de Minas Gerais, onde, desde o início do século XVIII, celebravam-se os tradicionais “Setenários das Dores de Maria”, ainda tão presentes em nosso meio. Eles preparavam – e preparam – para o dia de Nossa Senhora das Dores, até então também celebrado na sexta-feira anterior ao Domingo de Ramos (após o Concílio Vaticano II, passou-se a celebrá-lo, com o grau de memória obrigatória, apenas no dia 15 de setembro).

A devoção à Senhora da Piedade nas terras mineiras nasceu intrinsecamente ligada à devoção da Mãe das Dores. Nilza Botelho Megale, em seu livro *Invocações da Virgem Maria no Brasil*, cita: “Talvez o primeiro santuário de Nossa Senhora da



Piedade naquela província tenha sido o de Barbacena, antiga Borda de Campolide, onde era venerada uma imagem da Virgem trazida de Portugal por algum imigrante ou por um padre jesuíta, e cuja matriz foi benta em 1748”. A partir de Barbacena, a devoção se espalhou por todo o estado de Minas Gerais, localizando-se, principalmente, no alto da Serra da Piedade, na cidade de Caeté, onde foi construído um Santuário, para onde acorrem milhares de peregrinos anualmente.

A veneração a Maria, sob o título de Nossa Senhora da Piedade, tomou enormes proporções em

Minas Gerais, até que, em 1958, o Papa São João XXIII proclamou-a padroeira de todo o estado. A consagração oficial como padroeira de Minas se deu a 31 de julho de 1960, na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte.

Também nossa cidade de Barbacena aos poucos vai se preparando para celebrar, no próximo mês, a grande festa de sua Padroeira. Que seja para todos um tempo de graça e verdadeira aproximação do mistério da encarnação de Deus no seio da Mãe da Piedade!

José Mário Santana Barbosa

## Um chamado e muitas respostas



É comum alguém nos chamar pelo nome. Conhecemos a voz daqueles que conhecemos. Dependendo de quem nos chama ficamos alegres, ou surpresos, ou curiosos para atender aquela pessoa que nos chamou.

Desde a nossa concepção somos chamados a viver. A esse chamado nós respondemos durante toda a nossa existência. Ele se desdobra de muitas maneiras em cada fase de idade e de experiência de vida. O chamado para a vida de fé é outro momento significativo da nossa vida. É quando somos iniciados na vida cristã. Pais, padrinhos ou responsáveis providenciam o Batismo para as crianças. No caso dos adultos eles escolhem ser iniciados na dinâmica da vida cristã, são batizados e passam a pertencer a uma comunidade de fé.

Despertamos para o chamado permanente de Deus e tomamos consciência de que seu chamado é a vocação. Quando isso acontece nossa escuta se torna mais aguçada. E assim, passo a passo, aprendemos a distinguir a voz d’Aquele que nos chama a todo instante.

Chega o momento em que a voz nos parece nítida e descobrimos que o chamado é insistente porque nos interpela, nos leva a pensar e a discernir o que a voz quer nos dizer. Podemos lembrar os

diversos chamados bíblicos: Samuel ouviu a voz insistente do Senhor; Elias, o Profeta do Reino do Norte ouviu a voz que lhe dizia: “*Que fazes aí, Elias?*” (1Rs 19, 9). A escuta foi numa brisa suave; Jeremias confessa meio perturbado: “*tu me seduziste, Senhor e eu me deixei seduzir!*” (Jr 20, 7); Maria recebeu um chamado inusitado: Ave cheia de graça, escolhida entre todas as mulheres para ser a Mãe de Jesus; Paulo, de perseguidor dos seguidores de Jesus, passou a ser o grande evangelizador nas comunidades primitivas; Em seguida, os Apóstolos, um após o outro, ouviram o chamado para serem evangelizadores.

Muitos chamados, que não estão na Bíblia, ficam escondidos no cotidiano da vida humana. Maria Vitória tinha cinco irmãos. A mãe dela estava viúva. Um dia, subitamente, a mãe veio a falecer. Os tios, compadecidos, queriam adotar as crianças mais novas, menos a Maria Vitória e a irmã abaixo dela. Foi então que Maria Vitória, com 15 anos de idade, ouviu uma voz que lhe disse: cuide dos seus irmãos! Essa é sua missão. Maria Vitória parece até que pulou as etapas da maturidade humana e, com a força de Deus, superou todas as dificuldades para manter sua escolha. Ela enxergou o desafio

de assumir sua vocação para servir. Está servindo até hoje com muita alegria.

Todo chamado tem sua história. Toda vocação tem a sua singularidade. Toda pessoa é responsável por sua vocação. Acontece uma transformação lenta na descoberta de uma vocação que sempre vem acompanhada de uma missão, um jeito de viver, uma disposição para assumir um estilo de vida. São Paulo lembra na carta aos Coríntios. “*Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. Diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes atividades, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos.*” (1Cor 12, 4-6)

O cuidado com nossa vocação é uma responsabilidade intransferível. É preciso reconhecê-la em primeiro lugar, como uma semente pronta para germinar. É maravilhoso ver a semente brotando, mostrando sua espécie, florindo, frutificando, caindo em outros terrenos, levada pelo vento. O Espírito sopra onde quer. Se ao ler este artigo você recordar de todas as fases da sua vocação e se sentir de novo os chamados diários, então valeu a pena meditar no sentido do CHAMADO.

Irmã Marlene Frinhani, CDP  
Comunidade Santa Teresa de Ávila



## BEM VIVER

### Fé em comunidade



O Documento 102 da CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, falando sobre a identidade, vida e missão da comunidade eclesial, diz o seguinte: “O discípulo missionário de Jesus Cristo, necessariamente, vive sua fé em comunidade (1Pd 2,9-10), em íntima união ou comunhão das pessoas entre si e delas com Deus Trindade. Sem vida em comunidade, não há como efetivamente viver a proposta cristã. A comunidade eclesial acolhe, forma e transforma, envia em missão, restaura, celebra, adverte e sustenta” (nº55).

Partindo dessa premissa, podemos entender que a fé é um dom de Deus. Deus sempre quis que vivêssemos em comunidade. Na criação não criou um único ser. No cenáculo havia uma comunidade reunida que saiu sem medo para anunciar. Jesus não chamou ninguém para viver a fé com Ele, mas pediu que o seguisse. Por muito tempo, gerações foram instruídas a viver a fé individual. Era Deus e eu. É certo que a fé parte do meu pensar, do meu agir e do meu seguimento a Jesus Cristo. Tudo que se vive sozinho tende a enfraquecer ou acabar, por isso, a fé deve ser vivida em comunidade. Mas apenas participar não seria o bastante para que a comunidade subsistisse. A fé que brota na comunidade é que une as pessoas e lhes dá perseverança. A fé é graça de Deus e deve ser cultivada em comunidade. E como deve ser cultivada? Com muita oração pessoal, com adesão total a Jesus Cristo e comprometimento. É na comunidade cristã que a fé cresce e amadurece. E se torna chama que acende no coração de cada um e arde como o coração dos caminhantes de Emaús. É luz que ilumina e nos exorta a todos a sair iluminando corações que vivem na escuridão. O Concílio Vaticano II recorda: “Deus quis salvar e santificar os homens não individualmente e sem qualquer ligação entre eles mas quis constituir deles um povo que o conhecesse na verdade e fielmente” (*Lumen Gentium*, 9)

Neste tempo tão individualista, é importante compreender que é na experiência da comunhão com Deus que se estabelece a comunhão com o outro, dando testemunho de fé viva fazendo que todos sejam portadores de amor e doação.

Apesar das imperfeições, das limitações, das dificuldades do ser humano, se a graça de Deus encontrar a janela aberta para receber a luz de Cristo vivo, esta luz será enviada até os confins da terra e a comunidade fortalecida será sempre o berço do anúncio da verdade.

Dinair Augusta

## FORMAÇÃO

### Transfiguração do Senhor

“Eis o meu Filho muito amado em quem pus toda minha afeição: ouvi-o” (Mt 17, 5)

Dentre as “teofanias” narradas na Sagrada Escritura, que é a revelação e manifestação da divindade de Deus, o evangelista Mateus reafirma que Jesus é o Filho amado e diz que ele deve ser ouvido. A transfiguração é um momento extraordinário na vida dos discípulos Pedro, Tiago e João. Cristo transfigura-se diante deles tornando aquele momento uma experiência profunda de fé e de interiorização, pois foram agraciados em ver Jesus resplandecer em sua glória.

Ao ouvir a voz que veio da nuvem os “discípulos caíram com face por terra e tiveram medo”, mas Jesus aproximando-se deles conforta-os com suas palavras: “levantai-vos e não temais”. A experiência da Transfiguração na vida dos três discípulos capacitou-os a ter um “olhar contemplativo” e a uma “escuta interior”, pois através da abertura dos olhos, ouvidos e co-

rações eles puderam contemplar Deus em sua realidade através de Cristo.



O relato da Transfiguração se situa em um contexto de oração, muitas vezes Jesus subiu ao monte

para orar. Assim como os discípulos, somos convidados a “subir” e “descer” o monte e a nos transfigurar com Cristo, portanto, é fácil subir o monte para um encontro verdadeiro com Cristo. O difícil é descer do monte que implica ir ao encontro consigo mesmo e da humanidade sofredora. Escutar o Filho é procurar viver humanamente como Ele viveu atento às inúmeras necessidades gritantes da sociedade de hoje.

No Jesus transfigurado o homem encontra os maiores valores para sua vida que é amor, confiança, fé, compaixão, solidariedade, liberdade e a consciência da presença Trinitária. “Uma pessoa transfigurada com Cristo é uma pessoa profundamente humana”, capaz de ouvir, ver e se comprometer com as situações de sofrimentos de nossos irmãos e irmãs.

Irmã Lucenir Fernandes – CDP

## ESPECIAL

### A mídia em tempos atuais

Para se manter atualizado é preciso querer inovar-se. O mundo evolui a cada dia, e cabe a nós estarmos abertos e receptivos às novas possibilidades que nos são oferecidas para o nosso crescimento pessoal.

Porém, é necessário que haja uma compreensão consciente de como a influência interna e externa podem contribuir negativamente ou positivamente para o nosso desenvolvimento nesse aspecto.

A mídia tem o seu papel relevante como fonte de informação, cabe aos responsáveis pela transmissão de notícias ou entretenimentos, o cuidado indispensável para com o seu público assistente.

E hoje, lamentavelmente, a mídia, sobretudo a televisiva, tem influenciado de uma forma absolutamente negativa os seus telespectadores, sobretudo, os jovens e crianças. Formadora de opiniões e de conceitos, a mídia televisiva tornou-se um veículo manipulador e apelativo, induzindo o público jovem e infantil a um consumismo doentio e à incorporação de padrões comportamentais imorais e verdadeiramente absurdos.



Em tempos em que a violência toma conta literalmente do nosso país, os noticiários invadem os nossos lares nos aterrorizando e moldando a personalidade, sobretudo, do público jovem e infantil que passa a ver como “normal” e sem nenhuma gravidade as situações de violência e de conflitos.

E as horas de entretenimento também se tornaram uma séria ameaça para as famílias brasileiras... As novelas abordando temas que implicam traições, sexo, drogas, enfim, a explicitação de uma forma leviana de assuntos que fogem de uma saudável e autêntica forma de diversão. Uma grade de pro-

gramação que agride os nossos princípios éticos, morais e cristãos.

Não há mais censura. Tudo é permitido, descaracterizaram o modo certo de informar e entreter com o objetivo de contribuir para a formação de pessoas melhores com sua dignidade e valores respeitados.

“Que Brasil nós queremos para o futuro?”

Um Brasil que acabe com os veículos de comunicação que visam apenas um bom retorno em cifras, agindo de má fé, deixando à deriva o povo brasileiro!

Áurea Flisch



# IGREJA-MÃE

## Família

Na Catequese o Papa Francisco reflete sobre uma qualidade característica da vida familiar que se aprende desde os primeiros anos de vida: o convívio, ou seja, a atitude de partilhar os bens da vida e de ficar feliz de poder fazer isso. Partilhar e saber partilhar é uma virtude preciosa! O seu símbolo, o seu “ícone” é a família reunida em torno da mesa doméstica. A partilha do alimento e, portanto, além disso, também dos afetos, dos relatos, dos acontecimentos... é uma experiência fundamental. Quando há uma festa, um aniversário, nos reencontramos à mesa. Em algumas culturas é costume fazer isso também por luto, para estar próximo a quem está na dor pela perda de um familiar.

O convívio é um termômetro seguro para mensurar a saúde das relações: se em família há algo que não está bem, ou qualquer ferida escondida, à mesa se entende logo. Uma família que quase nunca come junto, ou em cuja mesa não se fala, mas se olha para a televisão, ou para o smartphone, é uma família “pouco família”. Quando os filhos, sentados à mesa, estão apegados ao computador, ao telefone e não se escutam entre eles, isso não é família, é um pensionato.

O Cristianismo tem uma vocação especial ao convívio, todos sabem disso. O Senhor Jesus ensinava com prazer à mesa e representava o reino de Deus como um banquete festivo. Jesus também escolheu a mesa para entregar aos seus discípulos o seu testamento espiritual – fez isso na ceia – condensado no gesto memorial do seu Sacrifício: doação do seu Corpo e do Seu Sangue como Alimento e Bebida de salvação, que alimentam o amor verdadeiro e duradouro.

Nesta perspectiva, podemos bem dizer que a família é “de casa” na Missa, justamente porque leva à Eucaristia a própria experiência de convívio e a abre à graça de um convívio universal, do amor de Deus pelo mundo. Participando da Eucaristia, a família é purificada da tentação de se fechar em si mesma, fortificada no amor e na fidelidade e alarga os confins da própria fraternidade segundo o coração de Cristo.

Nesse nosso tempo, marcado por tantos fechamentos e por tantos muros, o convívio, gerado pela família e dilatado pela Eucaristia, se torna uma oportunidade crucial. A Eucaristia e as famílias por ela alimentadas podem vencer os fechamentos e construir pontes de acolhimento e de caridade. Sim, a Eucaristia de uma Igreja de famílias, capaz de restituir à comunidade o fermento ativo do convívio e da hospitalidade recíproca, é uma escola de inclusão humana que não teme confrontos! Não há pequenos, órfãos, frágeis, indefesos, feridos e desiludidos, desesperados e abandonados que o convívio eucarístico das famílias não possa alimentar, restaurar, proteger e hospedar.

A memória das virtudes familiares nos ajuda a entender. Nós mesmos conhecemos quantos milagres podem acontecer quando uma mãe tem olhos e atenção, carinho e cuidado para os filhos dos outros, além de fazer isso para os próprios. Até ontem, bastava uma mãe para todas as crianças do quintal! E ainda: sabemos bem quanta força conquista um povo cujos pais estão prontos para se mover e proteger os filhos de todos, porque consideram os filhos de bem indiviso, que estão felizes e orgulhosos de proteger.

Hoje muitos contextos sociais colocam obstáculos ao convívio familiar. É verdade, hoje não é fácil. Devemos encontrar o modo de recuperá-lo. À mesa se fala, à mesa se escuta. Nada de silêncio, aquele silêncio que não é silêncio dos monges, mas é o silêncio do egoísmo, onde é cada um por si, na televisão ou no computador... e não se fala. Não, nada de silêncio. É preciso recuperar aquele convívio familiar adaptando-o aos tempos. Parece que o convívio se tornou uma coisa que se compra e se vende, mas assim é uma outra coisa. E o alimento não é sempre o símbolo de justa partilha dos bens, capaz de alcançar quem não tem nem pão nem afetos. Nos países ricos somos induzidos a gastar para uma alimentação excessiva e depois o somos de novo para remediar o excesso. E esse “negócio” insensato desvia a nossa atenção da verdadeira fome, do corpo e da alma. Quando não há convívio há egoísmo, cada um pensa em si mesmo. Tanto é que a publicidade reduziu o convívio a uma preferência por lanches rápidos e desejo de docinhos. Enquanto tantos, muitos irmãos e irmãs, permanecem fora da mesa. É um pouco vergonhoso!

Olhemos para o mistério do banquete eucarístico. O Senhor parte o seu Corpo e derrama o seu Sangue por todos. Realmente não há divisão que possa resistir a esse sacrifício de comunhão; somente a atitude de falsidade, de cumplicidade com o mal pode excluir disso. Qualquer outra distância não pode resistir ao poder indefeso deste pão partilhado e desse vinho derramado, Sacramento do único Corpo do Senhor. A aliança viva e vital das famílias cristãs, que precede, apoia e abraça no dinamismo da sua hospitalidade os cansaços e as alegrias cotidianas, coopera com a graça da Eucaristia, que é capaz de criar comunhão sempre nova com a sua força que inclui e que salva.

A família cristã mostrará justamente assim a amplitude do seu verdadeiro horizonte, que é o horizonte da Igreja Mãe de todos os homens, de todos os abandonados e os excluídos, em todos os povos. Rezemos para que esse convívio familiar possa crescer e amadurecer.

Catequese - Papa Francisco

# AÇÃO EVANGELIZADORA

## A Igreja e a opção preferencial pelos pobres

Refletindo sobre a periferia da pobreza, que é a prioridade assumida por nossa Igreja Particular na última Assembleia para este ano de 2018, levantamos algumas razões que temos para assumir essa opção:

A primeira vem do coração. É fruto do sentimento de compaixão. Eu me importo com o outro. A segunda vem do próprio Deus, que sempre esteve do lado dos pobres. É o que encontramos tantas vezes na Bíblia: “Eu vi, eu vi a aflição do meu povo. Eu ouvi o seu clamor. Eu conheço a sua aflição. Eu desci para libertá-lo” (Ex 3,7 -8). “Ai daqueles que prejudicam o pobre e o fraco!” (cf. Is 10, 1). “Quem oprime o pobre insulta seu Criador” (Pr 14, 31).

A terceira razão é o próprio Jesus, que viveu e morreu pobre. É de família humilde, deixou tudo, não tinha onde reclinar a cabeça, foi para o meio dos pobres e excluídos, morreu sem nada. Começa sua vida pública e seu ensinamento se referindo aos pobres como felizes e destinatários da missão. “Enviou-me para anunciar a Boa-Nova aos pobres... para libertar os presos...” (Lc 4, 18). “Bem-aventurados vós, os pobres” (Lc 6, 30). E conclui: “Eu estava com fome...” (cf. Mt 25).

Os apóstolos e as primeiras comunidades também fazem essa opção. Colocavam tudo em comum, de modo que não havia necessitados entre eles (cf. At 2 e 4). Pedro, Tiago e João recomendam a Paulo somente que ele se lembrasse dos pobres (cf. Gl 2, 10).

Outra inspiração vem de Nossa Senhora. Maria assume o compromisso com Deus de lutar para derrubar os poderosos dos seus tronos e elevar os humildes, saciar os famintos e despedir ricos de mãos vazias (Lc 1, 52-53). Manifestando-se em Aparecida e Guadalupe, mostra o rosto materno de Deus que se faz solidário com os negros e com os índios.

Mas a nossa opção não pode se dar apenas naquela forma de caridade que hu-



milha, que passa a impressão de que somos superiores. Como quem olha de cima. O pobre tem a mesma dignidade e é também protagonista. Tem uma riqueza imensa a nos oferecer. Muitos valores a nos ensinar. Precisa ser reconhecido na sua dignidade e grandeza.

Por isso, podemos dizer que há vários tipos de pobreza. Existe o pobre no sentido mais material, quando lhe falta o mínimo necessário a uma vida digna: comida, roupa, casa, acesso à saúde e educação... Precisa uma ajuda material urgente. O pobre no sentido mais social é a pessoa que é empobrecida por causa da injustiça social, da exploração. Exige a nossa luta por justiça social, pela inclusão. Há também uma pobreza no sentido de ascese, ligada à espiritualidade, quando a pessoa, mesmo tendo recursos, opta por ter apenas o necessário para uma vida digna. Vive de maneira sóbria, simples, desapagada. Sabe partilhar, supera o apego e qualquer ambição. O que é seu pertence também a quem precisa mais. É a pobreza evangélica, proposta de Jesus para todos nós.

Pe. José Antônio de Oliveira

# COMUNIDADE VIVA

## NOVENA JUBILAR

Venham participar da novena jubilar que acontecerá dia 15 de agosto, às 19 horas. Logo após, procissão luminosa no adro do Santuário.

### SEMANA NACIONAL DA FAMÍLIA

No mês de agosto celebramos a semana da Família. Para bem celebrarmos a semana, Pastoral Familiar preparou várias momentos de oração e reflexão com as famílias da Paróquia.

**DIA 12:** Dia dos Pais- Abertura com a celebração as 19 horas - participação do terço dos homens e Mães de joelhos, filhos de pé;

**DIA 13:** Celebração 19h - participação das comunidades do setor 3 e Apostolado da Oração Feminino;

**DIA 14:** Celebração 19h - participação das comunidades do setor 1;

**DIA 15:** Celebração 19h - participação das comunidades do setor 2;

**DIA 16:** Celebração 19h - participação Catequese;

**DIA 17:** Celebração 19h - participação Encontro Casais com Cristo, Equipes de Nossa Senhora e Pastoral Familiar.



# LITURGIA E VIDA

## Gênese do Concílio Vaticano II Sobre Liturgia

*“A celebração da Igreja é a expressão da ação libertadora de Deus no mundo, história e no coração do ser humano”  
(Arquidiocese de Mariana-MG)*



Em 5 de junho de 1960, o papa João XXIII determinou a criação de nove comissões preparatórias para a realização do Concílio Vaticano II. Dentre todos os temas, o da Liturgia acabou recebendo tratamento prioritário. A Liturgia era assunto já amadurecido mediante estudos realizados ao longo dos últimos decênios nas diferentes dimensões da teologia bíblica, da patrística, da catequese, da pastoral e das ciências humanas. Na escolha era visível a influência do Movimento Litúrgico, conforme mostrado em artigo anterior.

Conectado com esses fatos, João XXIII constituiu a comissão preparatória para a liturgia, composta de bispos e estudiosos da área. Sob a coordenação do cardeal Cicognani e do especialista em liturgia, Annibale Bugnini, foi elaborado o primeiro esquema para o trabalho da comissão. Posteriormente, juntou-se aos trabalhos uma numerosa equipe de liturgistas de diversas partes do mundo, representando a multiplicidade de culturas e vivências da Igreja. Fruto do trabalho dessa equipe, surgiu o primeiro esboço de projeto de reforma da liturgia, com o título, “Questões da Sagrada Liturgia – Esquema de Constituição da Sagrada Liturgia”.

Em janeiro de 1962, foi aprovado o texto, sendo assinado pelo cardeal Cicognani em 1 de fevereiro de 1962. Em seguida, a proposta foi encaminhada para a Comissão Central do Concílio. Após ser aprovado pelo papa, o texto foi impresso e distribuído a todos os membros da assembleia conciliar. Em outubro de 1962, por ocasião da segunda sessão, a proposta foi acolhi-

da pelo Concílio.

Na terceira assembleia geral, foi eleita a comissão oficial para a liturgia. Em 22 de novembro de 1963, o esquema da reforma da liturgia foi aprovado por grande maioria dos membros do Concílio. O resultado da votação mostrava que o projeto espelhava o sentido e o desejo de toda a Igreja, estando também em conformidade com a mais genuína tradição católica.

A votação final da proposta de reforma deu-se em 4 de dezembro de 1963. A Igreja assistia a um acontecimento grandioso em sua vida, o papa Paulo VI deu execução ao documento conciliar com estas palavras: “... E nós, em virtude do poder Apostólico que nos foi confiado por Cristo, juntamente com os veneráveis Padres, no Espírito Santo os (Decretos) aprovamos, confirmamos e convalidamos, e ordenamos que se promulguem as decisões conciliares”. Em 16 de fevereiro de 1964, primeiro domingo da quaresma daquele ano, entrou em vigor a Constituição sobre a Sagrada Liturgia.

Elimar Johann

### PASTORAL DO DÍZIMO



Paróquia e Santuário  
**NOSSA SENHORA  
DA PIEDADE**

Barbacena-MG

ARQUIDIOCESE DE MARIANA-MG

**Padaria  
Avenida  
Biscoiteria**

Tel: 3331-4095



Praça dos Andradas, 90 - Centro - Tel.: (32) 3331-6311  
Barbacena - Minas Gerais

### ADVOCACIA PREVIDENCIÁRIA

**Dr. Francisco José Pupo Nogueira**

Pensão, Revisão de Benefícios e Aposentarias

Recursos INSS - IPSEMG - Justiça Federal

Escritório: Rua XV de Novembro, 169 - Sala 10

Centro - CEP 36200-074 - Barbacena - MG

Email: puponogueira@hotmail.com

Tels.: (32) 3333-0245 - Cel.: (32) 99983-3813

### ESTACIONAMENTO

**Pietà**



**Cantina  
Mineira**

**DROGARIA VALENTE**  
AQUI TEM  
 **REMÉDIO DE GRAÇA PARA:**  
Hipertensão, Diabetes  
e Asma (CONSULTE A LISTA)  
FARMÁCIA POPULAR  
**Tel.: 3331-7411**

  
**Sal da Terra**

  
**Opção  
Natural**  
HOMEOPATA E MANIPULAÇÃO

R. Comendador João Fernandes, 51 • Centro  
Tel.: (32) 3333-7944 / (32) 3331-7656



**Desde 1943**

 **VOZ da PADROEIRA**

**Fundador:** Pe. José Alvim Barroso

**Responsável:** Pe. Danival Milagres Coelho

**Redação:** Pe. Isauro Sant'Ana Biazutti, Rosa Cimino, Kleber Camargo, Heloisa Barbosa, Fátima Tostes, Dinair Augusta, Áurea Flisch, Elimar Johann e José Mário S. Barbosa.

R. Vigário Brito, 26 - Centro  
CEP 36200-004  
(32) 3331-6530  
vozdapadroeira@hotmail.com  
www.piedadebarbacena.com.br

**Diagramação e impressão**  
Editora Dom Viçoso  
31 3557-1233

**Tiragem:** 1.600 exemplares